

BARCELOS, UMA CIDADE FALIDA E EM DECADÊNCIA.

Localizada às margens do Rio Negro, na boca do Rio Demene, e isolada por uma vastidão de matas e águas doces, a cidade de Barcelos é um pequeno espelho da realidade amazônica. Sem acesso às cidades vizinhas senão por barco, com um orçamento anual de Cr\$ 231 milhões que depende em 90% do repasse federal e estadual, a cidade sobrevive de uma economia extrativista falida e assiste à lenta deterioração de uma infraestrutura montada de favor.

Barcelos foi fundada em 1755, ainda como sede da Capitania de São José do Rio Negro, por portugueses que implantaram uma economia de "patrões de barranco" (se instalavam nos barrancos do rio) e feudos de exploração extrativista. A cidade viveu seus melhores dias quando os produtos naturais tinham preços razoáveis e a floresta mantinha o mito da

inesgotabilidade. Hoje só tem seis mil habitantes vivendo uma economia em decadência.

Ponto de partida da Expedição Demene, Barcelos tem um importante papel como porto de chegada dos produtos vegetais extraídos dos sistemas ecológicos ali vizinhos, objeto de estudo dos pesquisadores. Para lá convergem os pescadores, caçadores, madeiros, piaçabeiros, palmiteiros e sorveiros para vender seus produtos a intermediários que dominam o transporte da zona de produção aos mercados de consumo ou portos de exportação. Mais de dez mil pessoas da região em torno de Barcelos dedicam-se a diversos tipos de extrativismo.

Os intermediários são herdeiros dos antigos patrões e, como eles, trocam produtos florestais, peixes ornamentais, pescado e caça por mantimentos, numa relação de

preços sempre desfavorável aos extrativistas. Os mantimentos já chegam em Barcelos de 100 a 200% mais caros, por conta do frete. Sobre tais preços os intermediários ainda acrescentam altas margens para revenda aos extrativistas e assim perpetuam a troca de trabalho por dívidas.

São poucos os ribeirinhos que independem do extrativismo. A maioria deles vive na comunidade de Pai Raimundo, na confluência do Aracá com o Demene, e tem a economia baseada na monocultura de mandioca. Vendem a farinha de mandioca, produzida em pequenas casas de farinha, mas não escapam ao controle dos intermediários, já que não têm como transportar seus produtos até os mercados consumidores.

Tanto o extrativismo como a agricultura obedecem à sazonalidade das águas. No trecho de Bar-

celos, a diferença de nível das águas entre a cheia e a vazante fica entre seis e oito metros, na vertical. Na horizontal, isso equivale a muitos quilômetros de zonas inundadas em cada margem.

Durante a época seca, aí se tira sorva, se pescam peixes ornamentais e comestíveis, se corta piaçava e madeira e se caçam tartarugas, um dos pratos preferidos na região. No tempo da cheia se transporta a madeira e a piaçava cortada, se tira palmito e se caçam antas, catetos, queixadas, pacas e veados. Todos sabem que muitas dessas atividades são proibidas, mas não têm outra alternativa de sobrevivência e raramente vêm um fiscal. Por isso tais atividades prosseguem sem perspectivas de redução ou controle.

Barcelos tem uma estrutura razoável, para uma cidade a mais de 400 quilômetros de Manaus, mas

assiste à deterioração dessa infraestrutura sem condições de mantê-la por conta própria. Lá existe uma pista de pouso asfaltada, um hospital e duas escolas, uma da prefeitura e outra da Igreja Católica, ordem dos salesianos. A pista já foi um aeroporto com avião de linha, construída pelo Exército, dentro do Projeto Calha Norte. Os aviões escassearam: nem os vôos comerciais, nem os da FAB seguem mais para a cidade.

Com a desativação do Calha Norte, também o hospital da cidade vai ser abandonado. Até janeiro, os dois únicos médicos, um farmacêutico e um dentista, todos do Exército, deixarão a cidade. É que o Programa de Ação Social Especial e Integrada (Pasei) acaba em 31 de janeiro. Depois dessa data, quem ficar doente vai ter que se tratar em Manaus, a três dias de viagem em barco de linha.

Restam as escolas, não se sabe por quanto tempo. A ordem dos salesianos, sem recursos, tem diminuído muito sua atuação na área. Os caboclos do interior e da periferia — que antes enviavam seus filhos à missão salesiana e pagavam o material escolar e os estudos com produtos agrícolas e trabalho nas roças da escola — alegam não ter dinheiro para comprar uniformes e cadernos. Já existem muitas crianças analfabetas e algumas delas são filhas de pais alfabetizados, o que dá sinais de regressão da educação local.

Para uma cidade que veio do passado com histórias de colonizadores bem sucedidos, Barcelos tem o presente que caminha para trás e seu futuro é uma incógnita. Só um plano de desenvolvimento bem feito, de longo prazo, adequado à realidade amazônica, pode reverter este destino. (L.J.)